

Mulheres Negras em Movimento: Feminismos Negros em ação na cidade de Franca (SP)

Maria Carolina de Andrade Oliveira¹

Alan de Loiola Alves²

Rosicler Lemos da Silva³

1 Graduanda em Serviço Social, UNESP-Franca

2 Doutor em Serviço Social, UNESP-Franca

3 Doutora em Serviço Social, UNESP - Franca

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho surge a partir das reflexões desenvolvidas no componente curricular “Trabalho Profissional: Inserção nos Processos de Organização Social” do curso de graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Durante a organização do seminário sobre movimentos sociais se identificou a falta de conhecimento e de debate na universidade sobre o ativismo feminista negro, especialmente na realidade local, reconhecendo a necessidade de conhecer as práticas, desafios e contribuições dos movimentos e coletivos feministas negros na cidade de Franca (SP) para a promoção da equidade racial e de gênero, configurando os objetivos do estudo.

Para alcançar o objetivo, recorreu-se ao método dialético por meio da pesquisa exploratória, descritiva, qualitativa e quantitativa, seguida pelo levantamento bibliográfico sobre movimento feminista negro, relações étnico-raciais, de gênero e de classe, como também os movimentos de mulheres negras na cidade de Franca a partir da abordagem bola de neve, recorrendo as redes sociais.

AS ORGANIZAÇÕES COLETIVAS DAS MULHERES NEGRAS DE FRANCA

Os movimentos feministas negros no Brasil se destacaram principalmente a partir de 1970, pois, de acordo com Arraes (2015, s.p):

O problema da mulher negra se encontrava na falta de representação pelos movimentos sociais hegemônicos. Enquanto as mulheres brancas buscavam equiparar direitos civis com os homens brancos, mulheres negras carregavam nas costas o peso da escravatura, ainda relegadas à posição de subordinadas.

As mulheres negras no Brasil enfrentam historicamente um sistema de opressões interligadas de racismos, sexismos, machismos e classismos, que impactam sua vida em diversas dimensões. Os Dados do Atlas da Violência de 2025 apontam que, em 2023, 68,2% das mulheres assassinadas eram negras, evidenciando a intersecção entre o racismo estrutural e a cultura patriarcal. Além disso, estudos como o de Olinto e Olinto (2000, p. 1137) revelam que mulheres negras apresentam piores indicadores socioeconômicos quando comparadas às brancas, incluindo menor escolaridade, menor renda e piores condições de moradia, ressaltando que à “medida que escurece o tom de pele, agravam-se essas desigualdades”.

Todavia, as mulheres negras resistem e lutam contra as desigualdades estruturais, conforme apontam Rodrigues e Prado (2010, p. 451), com base em Melucci (1996),

o Movimento de Mulheres Negras pode ser compreendido como um laboratório de reinvenção de experiências do presente, e a sua aparente unidade é sempre sustentada pelas negociações, decisões conflitivas, trocas simbólicas constantemente ativas, mas não aparentes na superfície da ação.

A organização coletiva das mulheres negras torna-se ainda mais significativa em municípios do interior, como Franca (SP), onde as estruturas de poder e representação tendem a ser mais conservadoras e centralizadas. Esta cidade encontra-se localizada na região nordeste do estado de São Paulo, sendo a 20ª cidade mais populosa do estado, com uma população

estimada em 364.331 habitantes (IBGE, 2024). De acordo com o Censo Demográfico de 2022, a cidade apresenta uma composição étnico-racial diversa, com 225.551 pessoas autodeclaradas brancas, 125.964 de pessoas negras (99.611 pardas e 26.353 pretas), além de 759 amarelas e 236 indígenas. A população feminina é majoritária, representando 51,5% do total (IBGE, 2022). Esses dados, entretanto, precisam ser problematizados à luz do processo histórico de branqueamento e do mito da democracia racial no Brasil, que dificultam o reconhecimento e a autodeclaração de identidades negras, especialmente em cidades de médio porte.

De acordo com Silva (2023), a história oficial de Franca frequentemente silencia ou minimiza a presença e contribuição da população negra. Contudo, a cidade é berço ou residência de figuras fundamentais para a cultura, ciência e luta antirracista no Brasil. Entre elas, destacam-se o ativista e intelectual Abdias Nascimento, que passou sua infância na cidade; o poeta Carlos Assumpção, com o Sarau Protesto; a escritora Carolina Maria de Jesus, cujas denúncias sociais ecoam até hoje; a cientista Joana D'Arc Félix; e Maria de Lourdes Vale do Nascimento, referência no Serviço Social antirracista. Esses nomes revelam a potência negra presente na história local, apesar da invisibilização institucional.

Ser mulher negra em Franca significa enfrentar desafios estruturais relacionados aos racismos, sexismos e desigualdade social, mas também participar ativamente de movimentos de resistência, construção de identidade e protagonismo político e cultural.

Neste município foi identificada a existência de três coletivos que abrangem pautas feministas de mulheres negras atualmente. Estes dados estão disponíveis em suas páginas do Instagram. São eles: o Coletivo Angá, o Kilombo das Kitandeiras e o Coletivo “As Pretas”. Cada um deles representa formas específicas de atuação política e cultural, mas compartilham objetivos comuns, como o fortalecimento da identidade negra, a valorização da ancestralidade e a promoção do acesso a direitos.

O Coletivo Angá atua de forma comunitária e direta, priorizando ações “de quebrada para quebrada”, com foco na memória preta periférica, na arte, cultura e no fortalecimento do empreendedorismo negro. Entre suas demandas estão a captação de recursos, fortalecimento da comunicação digital e conexão com a comunidade.

O Kilombo das Kitandeiras foi inspirado no conceito de “akilombamento” como prática de união, resistência e ancestralidade. Seu principal eixo de ação é o afroempreendedorismo feminino, articulando feiras, rodas de conversa, oficinas e ações culturais. As atividades do coletivo mesclam produção econômica com fortalecimento simbólico e afetivo. Demandas como apoio financeiro, reconhecimento institucional, visibilidade pública e um espaço físico para suas ações são centrais para a continuidade e expansão do trabalho do Kilombo. Além disso, o coletivo propõe uma valorização do “Black Money”, incentivando a circulação de renda entre empreendedoras e empreendedores negros, promovendo o consumo comunitário.

O Coletivo “As Pretas” tem como foco o combate aos racismos e à violência de gênero com recorte racial. Suas ações visam fortalecer a autoestima, a autonomia e o pertencimento das mulheres negras por meio de projetos educativos, culturais e de formação política. O coletivo também atua na articulação com outras redes feministas e movimentos sociais interseccionais. Entre suas principais demandas estão a inclusão efetiva de mulheres negras periféricas, o reconhecimento da cultura negra como ferramenta de transformação e a formulação de políticas públicas sensíveis às especificidades de gênero e raça.

Os três coletivos demonstram a força da organização comunitária negra e feminina como estratégia de resistência cotidiana frente às múltiplas formas de opressão, tendo como bandeiras a luta contra os racismos, os sexismos, os machismos e em defesa da dignidade, visibilidade, equidade e proteção social estatal de qualidade, como também a valorização da cultura afro-brasileira; afinal, não há justiça social sem justiça racial e de gênero, podendo afirmar que

existe em Franca (SP) uma atuação política, social e cultural incipiente e em processo de organização, sendo fundamental para o enfrentamento das desigualdades estruturais e para a construção de alternativas sociais mais justas.

Todavia, cabe ressaltar as dificuldades de os movimentos realizarem ações comunitárias na cidade mesmo possuindo alvará, havendo resistência da Câmara Municipal, como citado por uma das líderes de um dos coletivos. Além disso, ressalta a falta de articulação entre essa rede de proteção social estatal com os movimentos e os coletivos negros feministas, mesmo sendo um município que conta com vários serviços das políticas de saúde, educação e assistência social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos e coletivos negros feministas de Franca enfrentam inúmeros desafios que exigem articulações mais amplas com políticas públicas, espaços de decisão e redes de apoio permanentes, sendo necessário fortalecer parcerias com universidades, conselhos de direitos e entidades da sociedade civil, ampliando sua incidência política e social no município. Também é fundamental pressionar por orçamento público para ações antirracistas e de gênero, e continuar promovendo ações formativas e culturais que valorizem a ancestralidade negra e o protagonismo das mulheres negras periféricas.

Este estudo não se encerra aqui; ele é só o início de um processo de investigação sobre os movimentos feministas negros na cidade de São Paulo, pois reconhece a necessidade de maior aprofundamento acerca da realidade das mulheres negras no município, suas demandas, suas vivências, suas perspectivas e seus movimentos. Como afirma Ribeiro (2017, p. 20), é preciso “colocar no centro quem sempre foi marginalizado” e neste sentido afirmamos que as vidas das mulheres negras seguem em movimento coletivo.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Negras e o porquê de um feminismo só delas**. CRESS-MG, 6 mar. 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc4d3y9m>. Acesso em: 29 jun. 2025.

IBGE. **Franca (SP)**. Disponível em: <https://tinyurl.com/4fd7k5wn>. Acesso em: 11 jul. 2025.

IBGE. Panorama: **Censo 2022**. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc4b7r6w>. Acesso em: 11 jul. 2025.

IPEA; FBSP. **Atlas da Violência 2025**. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p8k9w7x>. Acesso em: 14 jun. 2025.

OLINTO, M. T. A.; OLINTO, B. A. Raça e desigualdade entre as mulheres: um exemplo no sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, n. 4, p. 1137, out. 2000.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, Cristiano Santos; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Movimento de mulheres negras: trajetórias política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado Brasileiro. **Revista Psicologia & Sociedade**, 2010. Disponível em: <https://tinyurl.com/3c5t4j8s>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SILVA, Rosicler Lemos da. **Franca não é do Imperador, é do povo preto! Memórias, identidades e resistências.** 2023. 237 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2023.